

## Costura da vida: encontros entre a Psicologia Social Comunitária e a Educação do Campo no Assentamento Dênis Gonçalves do MST

 Conrado Pável de Oliveira<sup>1</sup>,  Júlia Batista Afonso<sup>2</sup>,  Pedro Barino Rodrigues<sup>3</sup>,  Tháles Gonçalves Guilherme<sup>4</sup>,

 Telmo Mota Ronzani<sup>5</sup>,  Marli da Cruz Gonçalves Herédia<sup>6</sup>

<sup>1, 2, 3, 4, 5</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Departamento de Psicologia. Instituto de Ciências Humanas. ICH/UFJF. Rua José Lourenço Kelmer, s/n, bairro Martelos. Juiz de Fora - MG. Brasil. <sup>6</sup> Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

Autor para correspondência/Author for correspondence: [conradopavel@uniacademia.edu.br](mailto:conradopavel@uniacademia.edu.br)

**RESUMO.** O presente artigo relata uma experiência em Psicologia Social Comunitária junto à primeira turma de Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do campo do assentamento Denis Gonçalves do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que culminou na construção do livro de memórias *Costura da vida: história de vida do homem e da mulher da roça*. A partir da discussão sobre o impacto do latifúndio na formação social brasileira e as possíveis relações entre a Psicologia Social Comunitária e a Educação do Campo, são apresentados os percursos metodológicos e a inserção no território, enfatizando a relação entre os sujeitos e a utilização de diversas estratégias de intervenção psicossocial e registro: diário de campo, fotografias, caminhada comunitária, dinâmicas de grupo e construção do livro de memórias. Como resultado da experiência e da construção do livro, ressalta-se a importância do resgate da memória e registro da história cotidiana contada pelos educandos para o fortalecimento da identidade pessoal e comunitária. Destaca-se, ainda, o papel que essas experiências têm na construção de uma Psicologia comprometida e justa frente à realidade, especialmente das comunidades do campo, e que dialogue com diferentes saberes e disciplinas.

**Palavras-chave:** psicologia social comunitária, educação do campo, educação de jovens adultos, memória, identidade, movimentos sociais.

## **Costura da vida: encounters between Community Social Psychology and Rural Education in the Denis Gonçalves Settlement of the MST**

**ABSTRACT.** This article reports an experience in Community and Social Psychology with the first group of "Youth and Adult Education Program", in a school in the Denis Gonçalves settlement of the Landless Rural Workers Movement (MST), which culminated in the construction of the memoir *Costura da vida: história de vida do homem e da mulher da roça*. Based on the discussion about the impact of the latifundium on the Brazilian social formation and the possible relationships between Community and Social Psychology and Rural Education, the methodological paths and insertion in the territory are presented, emphasizing the relationship between the subjects and the use of several psychosocial intervention strategies and registration: field diary, photographs, community walk, group dynamics and construction of the memoir. As a result of the experience and the construction of the book, the importance of rescuing memory and recording the daily history told by students is emphasized for the strengthening of personal and community identity. It also highlights the role that these experiences have in the construction of a committed and fair Psychology in face of the reality, especially that of rural communities, and those dialogues with different knowledge and disciplines.

**Keywords:** community social psychology, rural education, adult and youth education, memory, identity, social movements.

## **Costura de la vida: encuentros entre la Psicología Social Comunitaria y la Educación Rural en el Asentamiento Dênis Gonçalves del MST**

**RESUMEN.** Este artículo relata una experiencia en Psicología Social Comunitaria con el primer grupo de Educación de Jóvenes y Adultos, en una escuela del asentamiento Denis Gonçalves del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), que culminó con la construcción del libro de memorias *Costura da vida: a história de vida do homem e da mulher da roça*. A partir de la discusión sobre el impacto del latifundio en la formación social brasileña y las posibles relaciones entre Psicología Social Comunitaria y Educación Rural, se presentan los caminos metodológicos y la inserción en el territorio, destacando la relación entre los sujetos y el uso de varias estrategias de intervención psicosocial y registro: diario de campo, fotografías, caminata comunitaria, dinámica de grupo y construcción del libro. Como resultado de la experiencia y la construcción del libro, se enfatiza la importancia de rescatar la memoria y registrar la historia cotidiana contada por los estudiantes para el fortalecimiento de la identidad personal y comunitaria. También se enfatiza el papel que tienen estas experiencias en la construcción de una Psicología comprometida y justa frente a la realidad, especialmente en las comunidades rurales, y que dialoga con distintos conocimientos y disciplinas.

**Palabras clave:** psicología social comunitaria, educación rural, educación de jóvenes y adultos, memoria, movimientos sociales.

## Introdução

Apesar dos contextos rurais configurarem-se atualmente como um importante campo de atuação e estudo para a Psicologia, são ainda poucas as discussões voltadas para o desenvolvimento de competências técnicas, teóricas e políticas de formação para a área (Silva & Macedo, 2017). Tal aspecto é reforçado por uma formação que não aprofunda o debate histórico sobre a formação social brasileira e a questão social. É importante considerar que a relação urbano/rural seja compreendida dentro das expressões da questão social, como a desigualdade fundiária, pobreza, conflitos sobre a terra e inúmeras violências (Silva & Macedo, 2019).

Outro aspecto essencial é que a própria noção de rural/urbano ou ruralidades/urbanidades, delimita mais do que espaços físicos de inserção do profissional, mas sim uma gama de complexidades e processos de territorialização diversos, onde os seres se constituem enquanto memória, identidade e cultura (Calegare, 2015). Para uma visão ampla sobre o ser humano, defendemos que a formação em Psicologia precisa ir além do conteúdo programático e técnico de novas disciplinas, reforçando seu caráter ético-político e que compreenda as necessidades políticas e o impacto de sua

práxis na realidade sócio-histórica do Brasil (Silva & Macedo, 2019). Nessa direção, ressaltamos a importância da extensão universitária, como uma lógica que possibilita o encontro entre os conhecimentos produzidos nas grades curriculares e os saberes populares, voltando-se para as problemáticas mais amplas que atravessam a sociedade, bem como seu caráter integrador, transversal e interdisciplinar (Gadotti, 2017).

A Psicologia Social Comunitária e Psicologia Social Crítica, se colocam como uma importante área de trabalho e produção científica que oferece subsídios e contribuições para a *práxis* da psicologia nos contextos rurais (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Nesta articulação de saberes e fazeres destacam-se alguns autores como Lane (1994), Martín-Baró (2009) e a contribuição de teóricos de outras áreas como Orlando Fals-Borda (1983, 1986) e Paulo Freire (1975, 1998, 2005).

Este trabalho é fruto do esforço de sistematização da experiência produzida pelo grupo Marcus Matranga de Psicologia Comunitária em contextos rurais da UFJF. Organiza-se primeiramente por um apanhado teórico e histórico da dimensão do latifúndio na formação social brasileira, para compreender como isso se relaciona com a profissão Psicologia no Brasil e

posteriormente como a psicologia social comunitária se insere com elementos de mudanças que possibilitam a aproximação com a educação do campo, por uma via de busca pela emancipação humana. Logo após é apresentado o caminho metodológico, que se apoia na pesquisa-ação-participativa de Orlando Fals-Borda (1983, 1986), e as etapas de construção da experiência narrada, bem como o cenário e os atores sociais envolvidos. Em seguida, o relato permeado por reflexões e desdobramentos da experiência vivida e revisitada.

Buscando contribuir com o avanço sobre a formação em Psicologia, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência de um projeto de extensão e o processo que culminou na construção do livro<sup>1</sup> *Costura da vida - História de vida do homem e da mulher da roça*. Foi uma experiência produzida de maneira conjunta, a partir da ação realizada pelo Grupo Marcus Matraga de Psicologia Comunitária em contextos rurais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com uma turma de Educação de Jovens Adultos (EJA) na Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos, no assentamento Denis Gonçalves, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Trata-se, portanto, de um encontro entre a Psicologia Social

Comunitária e a Educação do Campo e um registro sobre possibilidades de práticas e processos de formação em psicologia, comprometidos com a realidade social.

### **Alguns apontamentos sobre a formação social do Brasil e as implicações históricas para a psicologia social comunitária e a Educação do Campo**

A Psicologia Social Comunitária (PSC) se caracteriza principalmente pela sua conexão direta com a realidade concreta e objetiva do cotidiano de grupos e comunidades (Freitas, 2007, 2011). Parte-se, portanto, da premissa de que a compreensão da realidade é resultado da análise da complexidade e contradições provenientes das relações sociais. Com isso, para que possamos entender a PSC brasileira e seu desenvolvimento nos contextos rurais mais precisamente, é necessário que façamos alguns apontamentos. De um lado, precisamos entender a formação social brasileira e suas implicações histórico-sociais, assim como analisar o desenvolvimento da PSC em relação com a institucionalização da Psicologia em nosso país.

Inicialmente, é importante a compreensão de como a divisão campo/cidade é definida em nosso país. Segundo Leite (2015), os elementos históricos que configuram a luta pela terra são essenciais para o desenvolvimento de

nossa formação social. O autor ainda complementa que “isso tem sido a marca histórica da própria formação da nossa sociedade, questão até hoje não superada dado o alto índice de concentração de terras e da presença constante de movimentos sociais de luta pela reforma agrária” (Leite, 2015, p. 97). Portanto, a concentração de terras no Brasil determina a correlação de forças entre campo e cidade: “enquanto em outros países houve um processo de democratização da terra, houve distribuição da terra, no Brasil o capital avançou no campo mantendo as estruturas fundiárias, conservando a concentração de terras.” (Leite, 2015, p. 99). O que nos traz um dos principais e mais fundamentais elementos para análise sobre nossa realidade social que é o latifúndio. Ao trazermos o latifúndio para o centro da análise conseguimos, com isso, concatenar processos complexos que constituem e determinam nossa formação social e o desenvolvimento do modo de produção capitalista com as particularidades brasileiras.

O latifúndio no Brasil tem suas origens no sistema de colonização (Medeiros, 2012). Várias tentativas, tanto da metrópole portuguesa, quanto do Estado brasileiro foram feitas para regular as terras com mecanismos de concentração latifundiária e o cultivo de monoculturas

para exportação (Medeiros, 2012; Prado Jr., 2014). Se antes estas propriedades eram concedidas sob certas condições da metrópole portuguesa, após a independência foi estabelecida a Lei de Terras, em 1850, que serviu para mercantilizar ainda mais a questão fundiária em nossa sociedade, passando a estabelecer que as terras seriam conquistadas mediante a compra (Medeiros, 2012). Tal mercantilização também foi intensificada devido ao sistema de escravização que se objetivou como a condição essencial para a reprodução do latifúndio. É preciso lembrar que no período pós-independência nossa sociedade não foi modificada radicalmente, mantendo-se a estrutura social e econômica baseada no latifúndio, no trabalho escravo e na exportação de monoculturas. Tais características se relacionam diretamente com a reprodução das condições de extrema vulnerabilidade social da massa da população rural brasileira (Prado Jr., 2014).

Tais determinações nos ajudam a entender suas implicações em nossa realidade social nos dias atuais. O latifúndio brasileiro passou por diversas mudanças ao longo desses anos, porém se houve modernização em seu processo produtivo, o mesmo não se pode dizer de suas relações de produção (Medeiros,

2012). Observamos ainda reminiscências de condições de trabalho aviltantes e análogas à escravidão. As contradições dos avanços e modernização que o capitalismo proporciona a nível global nos coloca limitações que são centrais para entendermos que tais avanços não são avanços para todos, justamente por vivermos em um modo de (re)produção capitalista da sociedade (Netto, 2017). Por isso, antes de seguirmos para a explanação de como a PSC está envolvida nesse complexo histórico, é preciso que entendamos que tal modernização capitalista é na verdade um grande fetiche, pois esconde a exploração necessária para sua preservação (Netto, 2017). Logo, começamos a entender que características que atribuímos naturalmente ao campo como atrasado e a cidade como moderna e avançada, por exemplo, não passam de construções ideológicas que cristalizam certas relações de poder e de dominação das classes dominantes.

### **Contextualizando a psicologia social comunitária no Brasil**

Após essa primeira explanação sobre como o latifúndio determinou e determina a totalidade da nossa formação social, inclusive na sua dimensão subjetiva, é preciso que entendamos em qual contexto a Psicologia se institucionaliza no Brasil e

sob quais condições ela se desenvolve. A partir daí é possível compreender quais os contornos do desenvolvimento da PSC nessa relação com a práxis que a Psicologia hegemônica nos coloca. A "Ciência Psicológica" é caracterizada por um espectro amplo de diversidade teórica e modalidades de técnicas e aplicações. Apesar desta gama de possibilidades, suas origens e seu desenvolvimento se deram de forma mais concreta a partir do curso de "Psicologia como ciência natural" de Wüandt, em 1862 (Saforcada, 2015). Tal hegemonia marcou a Psicologia como uma ciência urbana "que surge en pleno auge del triunfo acrítico del capitalismo, el liberalismo, el positivismo y el tecnocientificismo en Europa y en América del Norte.<sup>ii</sup>" (Saforcada, 2015, p. 36). O desenvolvimento da Psicologia se transforma nos EUA de forma que outros paradigmas sejam colocados para a ciência em geral, incluindo a Psicologia, sobrepondo a utilidade como critério de validação científica em detrimento da análise da verdade objetiva e concreta das relações sociais (Saforcada, 2015).

Trazendo para o contexto brasileiro, Leite, Macedo, Dimenstein e Dantas (2013) nos mostram que a relação da Psicologia com nossa sociedade data menos de cem anos e que tem implicações diretas com nosso processo de

industrialização. Ainda segundo os autores (pp. 32-33):

Sabemos como se deu a primeira aliança entre a Psicologia e o Estado brasileiro, ocorrida no início do processo de industrialização em 1930, em que nossa ciência inspirou confiança à nação em diagnosticar e orientar a força de trabalho do país (Motta, 2004). A participação da Psicologia como elemento importante no processo de desenvolvimento brasileiro, ocorrido desde o Estado Novo, é fruto do abandono, pela burguesia industrial nascente daquela época, “das normas tradicionais de dominação da classe trabalhadora e adesão aos princípios da Psicotécnica da Psicologia Racional para intensificar o processo de modernização da relação trabalhador-capital” (Motta, 2004, p. 139). Assim, foram criados diversos institutos, laboratórios/núcleos de pesquisa e departamentos de assessoria técnica, a exemplo do IDORT e do ISOP, ligados à administração pública, a educação básica e superior e a federação das indústrias para a aplicação de serviços de orientação vocacional e seleção de pessoal, com base no exame das aptidões e do caráter, além de ações de treinamento e capacitação profissional (Penna, 2004).

Com essa citação fica nítida a vinculação do desenvolvimento da Psicologia com o processo de modernização do Brasil. “Considerando ser a urbanização uma das principais características desse processo, justifica-se em parte a centralização das ações da Psicologia em cidades com características predominantemente urbanas, locais de

circulação do grande capital e polos de desenvolvimento industrial.” (Leite et al., 2013, p. 28). Isso tudo nos mostra as bases objetivas que desenvolveram as teorias e as práticas tradicionais da Psicologia, que estavam interessadas em forjar um saber elitista, urbano, higienista e opressor para legitimar os interesses da burguesia (Bock, 2003). Essa naturalização de um modelo ideal de homem ajuda a cristalizar, dentre outras coisas, os territórios urbanos e rurais como espaços a-históricos. “Así, se observa una sutil tendencia a superponer lo humano (es decir, aquello propio o característico de los seres humanos), con lo que es urbano (es decir, aquello característico de las poblaciones urbanas), invisibilizándose las especificidades rurales.<sup>iii</sup>” (Landini, 2015, p. 23). Desta forma, a ideologia dominante naturaliza a vida na cidade como precedente de toda história da humanidade.

Aliás, é a partir destes incômodos que a Psicologia Social Sociológica, Psicologia da Libertação e Psicologia Sócio-histórica surgem, na década de 1970, como contraponto para a Psicologia hegemônica e positivista (Gonçalves & Portugal, 2012). Tal contraponto se constitui não só no âmbito de pensarmos outras teorias ou técnicas, mas implicava na posição crítica frente à Psicologia e no compromisso do/a psicólogo/a com a

transformação social (Gonçalves & Portugal, 2012).

Partindo desse movimento inaugurado pela Psicologia Social crítica latino-americana, que tem como uma de suas maiores representantes Silvia Lane (1994), outras áreas puderam emergir para trazer esse questionamento acerca das mazelas sociais geradas pelo capitalismo, incluindo a Psicologia Social Comunitária. “O que atualmente chamamos de PSC surgiu eminentemente de práticas realizadas em favelas e comunidades, quando isso ainda era uma novidade para a disciplina.” (Gonçalves & Portugal, 2012, p. 140). Além disso, a PSC no Brasil surge atrelada “aos movimentos sociais e às reformulações na área de saúde mental.” (Gonçalves & Portugal, 2016, p. 564).

Diante destas objetividades, fica nítido o avanço que a PSC proporcionou para a práxis do/a psicólogo/a, colocando a crítica e a implicação ético-política em nosso fazer profissional não como uma especificidade da PSC, mas sim como uma questão que deve atravessar a formação de profissionais. Como nos lembra Nascimento (2019, p. 117), “qualquer perspectiva de atuação de profissionais de Psicologia deve considerar o modo de produção capitalista, o latifúndio e as precárias condições que decorrem de sua

manutenção secular como objeto de intervenção.”

### **Psicologia social comunitária e Educação do Campo: aproximações possíveis**

Nossa análise se propôs a contextualizar o surgimento da PSC a partir de suas determinações históricas e sociais, ou seja, partes constitutivas do movimento do real. Desta mesma forma, traremos algumas considerações sobre a Educação do Campo, sendo apreendidas a partir da totalidade concreta e objetiva. Sendo assim, as aproximações com a PSC serão analisadas a partir de seus envolvimento com a dinâmica própria da luta de classes.

Essa relação não é estranha quando falamos em Educação do Campo, pois sua gênese e seu desenvolvimento

estão profundamente ligados ao destino do trabalho no campo e, conseqüentemente, ao destino das lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do campo brasileiro, da sociedade brasileira, do mundo sob a égide do capitalismo em que vivemos. (Caldart, 2009, pp. 36-37).

Ao contrário da PSC, que para alguns autores foi compreendida e defendida como uma subárea da Psicologia (Saforcada, 2015), a Educação do Campo não surge como uma proposta de educação,

mas como a objetivação de um movimento de lutas e crítica “protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.” (Caldart, 2012, p. 259). Enquanto os movimentos de resistência à Psicologia hegemônica anunciavam a necessidade da criação de uma área do conhecimento específica para ampliarmos nossa concepção de indivíduo e sociedade, a Educação do Campo nasce da própria prática militante. Ela é, portanto, um movimento fundado na prática que se expressam e se traduzem em construções teóricas “críticas a determinadas visões de educação, de política de educação, de projetos de campo e de país, mas que são interpretações da realidade construídas em vista de orientar ações/lutas concretas.” (Caldart, 2009, p. 40). Não por acaso, o MST, ao longo de sua história, investiu na educação atrelada à garantia de condições para a emancipação dos sujeitos e comunidades (Leite, 2015).

Pela trajetória que já fizemos da PSC, ela encontra maior correspondência quando estudamos o desenvolvimento da Educação popular, que

vai se firmando como teoria e prática educativas alternativas às pedagogias e às práticas tradicionais e liberais, que estavam a serviço da manutenção

das estruturas de poder político, de exploração da força de trabalho e de domínio cultural. Por isso mesmo, nasce e constitui-se como “Pedagogia do oprimido”, vinculada ao processo de organização e protagonismo dos trabalhadores do campo e da cidade, visando à transformação social. (Paludo, 2012, p. 283).

Uma vez que a Educação do Campo se constrói a partir da radicalidade própria da luta pela terra e no horizonte revolucionário da reforma agrária popular, forjada nas lutas dos/as trabalhadores/as rurais, as aproximações possíveis com a PSC só se efetivarão mediante um compromisso da psicologia com as lutas do campo. É a partir de uma práxis emancipadora e crítica que poderemos criar um trabalho coerente e que aprofunde ainda mais a aquisição do saber de forma orgânica, sendo feito pelos indivíduos que constituem este processo (Semeraro, 2006).

Partindo do acúmulo histórico que ambos movimentos tiveram de questionamento ao *status quo*, as aproximações entre a Educação do Campo e a PSC têm como compromisso de sua práxis o combate à ideologia dominante. É a partir desta ideologia da burguesia que se buscou cristalizar um modelo de indivíduo abstrato que é tomado como padrão ou normal (Coutinho, 2010). Uma aproximação entre Educação do Campo e PSC pode se localizar em sua práxis

contestatória e que entende o sujeito, individual ou coletivo, como construtor e protagonista de sua própria existência ou, como afirma Lane (1994), sujeito ativo, criativo e transformador. E é por isso que a produção da Educação do Campo pode contribuir muito com possíveis avanços para a PSC, pois

a produção do conhecimento nas escolas do campo, pode ressignificar memórias, identidades e histórias vividas pelos sujeitos que se articulam para superar a opressão e as diversas cercas do analfabetismo, da fome e a falta de projetos emancipadores para/com o homem e a mulher do campo. Essa formação política, contextualizada historicamente, pode contribuir na reconstrução do passado, escavando memórias e acontecimentos, recuperando documentos, fontes primárias e produzindo histórias críticas e contra-hegemônicas. A produção do saber construído em parceria com educadores, educandos e lideranças dos movimentos sociais pode ser ressignificada na luta por suas histórias de vida, valores e reconhecimento. (Santos, 2017, p. 210).

Partindo da experiência dos indivíduos e organizações na Educação do Campo, a PSC pode somar a este processo de produção de saberes e práticas de emancipação dos sujeitos. Intervenções psicossociais que valorizam a cultura camponesa por meio fortalecimento da identidade, autonomia e memória podem ser um importante campo de atuação da PSC em contextos rurais (Ronzani,

Mendes, Oliveira & Leite, 2019). Tudo isso, necessariamente, em uma relação dialética em que tanto a PSC sirva de acúmulo para o processo destes indivíduos e organizações quanto estes agentes de transformação social se apropriem e modifiquem a PSC para uma práxis cada vez mais coerente com a realidade brasileira.

### **Percurso metodológico e a inserção no território – relato de experiência**

Fals-Borda (1983, 1986), uma das principais referências do pensamento crítico latino-americano, desenvolveu a pesquisa-ação-participativa com a proposta de articular saberes populares e acadêmicos por meio da pesquisa científica, ação política e educação popular. O objetivo de tal aliança é mobilizar a participação comunitária e científica na construção de uma práxis comprometida com compreensão dos problemas e necessárias transformações sociais. Tal postura metodológica está intimamente relacionada, portanto, ao horizonte ético-político de uma psicologia crítica que leva em consideração a historicidade da relação do sujeito com a sociedade. Nesse sentido, Lane (1994) compreende a pesquisa-ação enquanto práxis científica por excelência, baseada numa concepção de construção de

conhecimento em Psicologia que considera a relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto.

Partindo das provocações de Fals Borda (1983, p. 47) “Qual é o tipo de conhecimento que queremos e precisamos? A que se destina o conhecimento científico e quem dele se beneficiará?”, apresentaremos os sujeitos envolvidos na experiência: a comunidade do assentamento Dênis Gonçalves, a Escola Estadual Carlos Henrique dos Santos Ribeiro e suas educadoras, o Grupo Marcus Matraga de Psicologia Comunitária e, principalmente, as autoras e autores do livro de memórias *Costura da vida*, educandos da escola em processo de alfabetização. Apesar da proposta deste artigo ser especificamente o relato de experiência e não em um relato de pesquisa propriamente dito, a pesquisa-ação-participativa nos inspirou em todo o processo, pois guiamos nossas ações a partir do diálogo e da troca constante com a comunidade. Tais processos dialógicos e participativos permitiram uma produção de saberes e reflexões críticas construídas a partir da práxis, uma teorização da nossa experiência prática e não uma mera aplicação das teorias. Os resultados e produtos alcançados, principalmente a decisão de escrita coletiva do livro, foram parte desse processo que pode contribuir

na abertura de caminhos de articulações fecundas entre extensão, pesquisa e ensino em psicologia comunitária.

### ***Contextualização e descrição do território da experiência e dos atores sociais***

O assentamento de reforma agrária Dênis Gonçalves, antigo latifúndio ocupado pelo MST em 2010, foi regulamentado em 2013 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e conta com 137 famílias de trabalhadoras e trabalhadores rurais. É localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, com uma extensão de 4.321 hectares e abrange principalmente as áreas rurais dos municípios de Goianá, Chácara, Coronel Pacheco e São João Nepomuceno. A antiga fazenda Fortaleza de Sant’Anna foi um dos maiores latifúndios da região, responsável por grande parte da produção cafeeira entre meados do século XIX e início do século XX (Souza, 2019).

A luta pela educação sempre esteve presente nas lutas pela reforma agrária popular no MST. Nesse sentido, a Escola Estadual Carlos Henrique dos Santos Ribeiro, de ensino fundamental e médio, é fruto e conquista da pressão do movimento sobre o Estado, com o objetivo de fazer cumprir o direito básico da educação e construir no cotidiano do assentamento Dênis Gonçalves a realidade da educação

do campo, com fortes referências nas experiências e lutas camponesas. Antes da institucionalização da escola em 2018, as experiências educativas no assentamento ganharam espaço na rede estadual, a partir da implantação, em 2016, do segundo endereço da Escola Estadual Maria Ilydia Rezende de Andrade, iniciando suas atividades com 4 turmas de educação de jovens e adultos (Souza, 2019).

O grupo Marcus Matraga de Psicologia comunitária em contextos rurais tem suas origens em meados de 2017, a partir do movimento de um professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, para retomar em sua área de atuação o debate acadêmico e formativo da inserção da Psicologia nas ruralidades. Nesse momento, foi estabelecida uma rede de professores de outros departamentos, profissionais e militantes, formando assim uma equipe composta horizontalmente de estudantes de graduação e pós-graduação. Essa articulação inicial gerou então uma parceria entre outras universidades, redes acadêmicas e movimentos sociais que já desenvolvem ações de relevância no campo. O nome do grupo faz memória ao psicólogo Marcus Vinicius de Oliveira Silva, assassinado em uma região de conflitos de terras no interior da Bahia,

referência na luta por uma Psicologia com compromisso social.

O grupo permanece ativo e se modificando conforme as novas dinâmicas e realidades que se apresentam, desenvolvendo, desde então, atividades de extensão, pesquisa e fomentado rodas de conversa, oficinas de formação e estudo para a graduação. Também são estabelecidas parcerias em ações de cuidado com assentados e pessoas acampadas em áreas de conflitos agrários. Especificamente, a experiência relatada nesse artigo fez parte de uma das ações do estágio curricular obrigatório em Psicologia Social e Comunitária em Contextos Rurais do curso de Psicologia da UFJF e iniciação científica, desenvolvidas no ano de 2018.

### ***A Inserção no campo***

A entrada em campo teve início por meio do contato com lideranças do Assentamento Dênis Gonçalves, apoiado através da interlocução de um membro do Grupo Marcus Matraga, que já possuía inserção no território. No ano de 2018, a construção das atividades teve um caráter de extensão, escuta e familiarização do território, com uma variedade de estratégias e ferramentas utilizadas. Para tal, utilizamos diferentes metodologias participativas e processos de inserção no

campo, protagonizados pela PSC, tais como familiarização, diagnóstico participativo e ação no território (Ronzani, Lefebvre & Silveira, 2021). Todas as fases foram desenvolvidas coletivamente, através de reuniões com setores do MST e assentados, utilizando dinâmicas de grupo e priorizando estratégias de participação. Para o registro das etapas, utilizamos cadernos de campo da observação participante, a partir do cotidiano do assentamento e conversas informais. Todo o planejamento e ações do grupo foram pactuadas e construídas com todos os envolvidos a partir das reuniões e registros. Dentre algumas análises e ações realizadas pelo grupo, no presente trabalho focamos o relato de experiências junto à turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em processo de alfabetização na Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos no município de Goianá-MG. Portanto, nesse momento, optamos por um caráter mais descritivo dessa ação.

Após meses de inserção no território, foi possível estabelecer diferentes vivências, espaço de trocas e escuta, facilitados pela diretora da escola e que se legitimou *a posteriori* junto à professora e aos alunos da escola. Foram realizados encontros com frequência semanal em que foram desenvolvidas dinâmicas grupais que exploravam as histórias de vida dos

educandos. Como explica Borges, Torales & Guerra (2011), a história de vida é um relato situado em determinado contexto histórico e deve ser organizada e conceitualizada, parte de um compromisso ético dos profissionais, pois se fundamenta no entendimento das relações que os sujeitos estabelecem consigo, com os outros e com o mundo.

A turma de EJA na primeira série de alfabetização contava com 4 jovens idosos, ex-colonos deste território. Esta nomenclatura – colonos - era usada entre eles e outras pessoas para identificar os moradores da região desde antes da ocupação realizada pelo MST. Eram dois senhores e duas senhoras, trabalhadoras e trabalhadores do campo, todos marcados por histórias de vida atravessadas pela realidade sócio-histórica do local. Durante as dinâmicas grupais pudemos observar os atravessamentos da ancestralidade africana e indígena e, também, dos processos da imigração italiana na região. Todos apresentavam significações ao longo da vida, valores tais como a família, a religiosidade, o trabalho e a terra, o que revelava duras condições de trabalho, com suspiros através das brincadeiras. Além disso, relatavam sobre parentescos em algum nível e que carregam traços consanguíneos, marcas de uma região abandonada pelos colonizadores.

A educadora construiu um espaço junto aos educandos que valorizava as narrativas que emergiam sobre o cotidiano da vida na roça, enfatizando aspectos da afetividade, sempre presentes no dia a dia da escola e nos relatos de cada um. Ela se colocou em uma posição de mediadora e que participava dos “causos”, na maioria das vezes como ouvinte, mas também partilhando suas histórias de vida em questão. Foram trocas que permitiram a construção de um espaço de encontro afetivo para além da sala de aula, dimensão permitiu uma harmonia na entrada dos 3 estagiários que também compartilharam histórias. Inicialmente, a normal desconfiança sobre “o que aquela menina e meninos estavam fazendo ali” se rompeu no processo de abertura, interesse e compromisso pelas histórias de vida ali partilhadas por parte dos educandos e estagiários. A partir desta rica vivência, foi levantada a necessidade de se construir um espaço legitimado de relações para que a vontade de troca pudesse ter o devido acolhimento. Importante ressaltar que tais relações foram construídas como uma via de mão dupla, os saberes populares e a riqueza deste conhecimento por parte dos ex-colonos modificaram cada um dos estagiários em diferentes níveis e com natureza ímpar.

## **Registros da experiência**

Como já descrito anteriormente, através de uma perspectiva participativa, utilizamos diversas estratégias para registrar nossa experiência e percurso no território, o que nos possibilitou refletir sobre nossa ação e pudéssemos discutir coletivamente com as diferentes pessoas envolvidas.

### ***Diário de Campo***

A ferramenta pode ser utilizada em diferentes perspectivas e muito do que se absorve com este tipo de material é apreendido no campo empírico, parte de uma intimidade do autor e significação dos elementos observados e vividos (Oliveira, 2014). Cada integrante do estágio realizou suas próprias anotações e se conectou com a realidade apresentada no território. As reuniões do grupo Marcus Matraga poucos dias após as visitas favoreciam esse tipo de escrita para retomar alguns pontos, além disso, a distância do território em relação à cidade oportunizou diálogos entre os integrantes do grupo após as vivências, o que permitia também uma construção grupal deste conteúdo e ressignificação a partir das pontuações do outro.

### ***Recurso fotográfico***

O grupo recebeu treinamento de um técnico da UFJF e fotógrafo profissional, com elementos teóricos e práticos. A fotografia como recurso foi vista de forma crítica pelo grupo, entendendo que não estávamos buscando reforçar sentidos romantizados e bucólicos do campo, mas sim que servissem como elemento de estudo dos diferentes significados e construções sócio-político-históricas-culturais. Este instrumento oferece uma alternativa de narrar e interpretar a realidade, para além de discursos cristalizados, e de promover novas percepções e sentidos nos envolvidos (Gomes & Dimenstein, 2014). Apresentar este recurso aos participantes e o resultado deste material pôde facilitar processos de autopercepção e identidade.

### ***Caminhada comunitária***

Foi realizada uma caminhada junto com os educandos em um dos encontros, passando pelo lote de cada um e pelos principais locais da comunidade trazidos por eles, tais como as ruínas da sede da antiga Fazenda Fortaleza de Sant'Anna, o terreiro de café, o local onde afirmam ser a antiga senzala, etc. Durante essas caminhadas, experiência também sistematizada por Ximenes e Moura Jr

(2013), foi possível fortalecer as vivências de encontro que geraram processos reflexivos importantes para o desenvolvimento da ação. A partir das narrativas, “causos” e memórias partilhadas na caminhada, percebeu-se a necessidade de recuperação da memória histórica, uma das tarefas urgentes propostas por Martín-Baró (2009) em seu projeto de Psicologia da Libertação. As fotos deste dia foram apresentadas ao grupo em um outro encontro a fim de avaliar quais estavam aptas para o livro, além de desenvolver legendas para cada uma e escutar e elaborar essas escolhas.

### ***Dinâmica grupal e construção do livro***

Após algum tempo de inserção do grupo, foi proposto aos participantes uma dinâmica que exploraria as histórias de vida de cada um e seus entrelaces, e para isso, um contrato grupal foi estabelecido com horários, compromissos e possibilidades. Assim, foi firmado um acordo horizontal e de trocas de saberes populares e saberes acadêmicos que permitiria, a partir dos diferentes contrastes, a ação e reflexão que constitui a práxis (Oliveira, Ximenes, Coelho & Silva, 2008; Fals-Borda, 1983, 1986).

Para facilitar, simbolizar e significar a escuta dos participantes, foi desenvolvida uma dinâmica que consistia basicamente

em desenhar e/ou escrever em pequenas folhas de papel acontecimentos marcantes durante o percurso da vida, criando uma linha do tempo para cada educando. As folhas eram presas em barbantes para ilustrar as linhas da vida de cada um. Os encontros foram divididos em fases da vida desde o nascimento até o dia presente.

Como eram 3 estagiários para 4 educandos, foi possível uma escuta individual e de acolhimento durante a atividade, mas compreendendo os processos grupais sempre presentes. Os próprios educandos eram muito próximos e gostavam de compartilhar, cada um de sua maneira, elementos da história de vida e do cotidiano com o grupo. Cabe destacar, de acordo com Silva (2015), a importância da dimensão afetiva presente nos processos grupais, o brilho nos olhos que pode ser percebido nas vivências e como isso traz a potencialidade de fortalecer processos de mobilização comunitária, de identidade, pertencimento, participação, lutas e sentidos de comunidade (Costa & Silva, 2015).

O planejamento inicialmente consistia em dar um fechamento entrelaçando os barbantes simbolicamente para discutir os cruzamentos entre as linhas do tempo naquele território e momento sócio-histórico, discutindo como chegaram até aquele momento presente com aquelas

pessoas ao seu lado. No entanto, a partir da dinâmica grupal e construção de laços na comunidade, foi florescida uma demanda de materializar aquelas atividades de alguma forma. Portanto, coletivamente se deu a ideia de construção do livro *Costura da Vida*. Assim, o livro conta com a atividade com as folhas e barbantes, mas também com músicas populares, fotos tiradas no território e poemas escritos e digitados por eles nesta importante fase de alfabetização, o que ressignificou o processo das atividades de educação.

Foi organizada no ano de 2019 uma cerimônia de lançamento do livro, contando com algumas cópias impressas, além da versão digital.

No dia em que o livro *Costura da Vida* foi lançado novas pessoas já tinham se agregado a este grupo e outra estagiária da Psicologia fez um poema muito especial: 'E olha que alegria / Poder narrar para o mundo / Quem antes não escrevia / Agora alfabetizado / Com sua própria grafia / Seja em forma de prosa / Seja em uma poesia / Falaram de suas vidas / Tristezas e alegrias / Dos filhos, pais, companheiros / Da roça e do dia-a-dia / Presente aqui está um povo / Antes não se conhecia / Que aprendeu um com o outro / Espalhou sabedoria.' (Nota de diário de campo, março de 2019).

O momento foi marcado pela celebração, mística e partilha, seja de saberes, de afetos e sabores. Possibilitou um fechamento ainda mais significativo e

simbólico para o grupo, além de um material de recordação das memórias para cada um, para a escola, para as famílias, para a comunidade, e que agora está sendo compartilhado com ainda mais pessoas.

### **Reflexões e desdobramentos a partir da Costura da Vida**

A experiência da construção do livro *Costura da Vida* nos provoca a mobilizar nossa consciência e compreensão divididas e sempre insuficientes do que somos, não somos e do que queremos e podemos ser. De fato, nos recorda Martins (2020): nós, especialmente os brasileiros, somos ambíguos, “presos nas incertezas de uma travessia inconclusa e sem destino” (p.30) na busca de nossa identidade híbrida, na tensão da autenticidade e inautenticidade, no constante movimento de um “vir a ser que não cumpre senão de modo sempre incompleto e sempre insuficiente” (p. 10). Bosi (2013) ressalta a importância da raiz etimológica da palavra experiência: aquilo que salta fora - *ex* - do perímetro de um círculo já percorrido. Sair do nosso lugar, extrapolar as fronteiras de uma psicologia urbano-centrada. Experimentar o campo e sua gente, encontrar com o outro, aprender, compartilhar, construir laços afetivos, vivenciar o Assentamento Dênis Gonçalves como uma comunidade de destino.

Mergulhando no pequeno mundo cotidiano da comunidade do Assentamento Dênis Gonçalves é que evidencia-se o protagonismo das pessoas comuns imersas no viver de cada dia, com suas histórias de vida tecidas às margens da história oficial. Assume-se aqui a posição das mulheres e homens simples enquanto protagonistas da História, com o direito de buscar nela lugar, reconhecimento devido e, sobretudo, participação na definição dos rumos da sociedade. Assim, nos colocamos na busca por desvelar as potencialidades de uma melhor e mais profunda compreensão da complexa totalidade concreta e suas contradições: “são os simples que nos libertam dos simplismos” (Martins, 2020, p. 12).

O grupo Marcus Matraga precisou percorrer diversos caminhos até encontrar os caminhos de vida de Dona Maria, Dona Marina, “Seu” Mateus e “Seu” Zé Arides na escola do campo. Ex-colonos daquela terra, que chegaram muito antes da ocupação dos companheiros do MST e mesmo assim não tinham a posse daquele território. Foi após uma vida toda de trabalho árduo que eles estavam ali, aprendendo a ler e a escrever. O latifúndio nada tinha a oferecer para aqueles ex-colonos, além das marcas de uma terra esgotada pelo declínio do ciclo do café e a insegurança das relações precarizadas de

moradia e trabalho. O direito à educação só foi possível, portanto, a partir da luta e conquista da terra. Além do usufruto do lote e da possibilidade de fortalecer o pertencimento de trabalhar e viver na roça, conquistaram também o direito de entrar em uma escola e construir conhecimento: romper as cercas do latifúndio e da ignorância.

É tempo de compartilhar histórias, cultivar a memória e conhecimentos vivos, se identificar com o outro, mirar outros horizontes. O espaço da troca de experiências de vida por meio do processo grupal permitiu uma rica manifestação da afetividade, encontros e vidas que revelam a possibilidade de buscarmos aquilo que Gonçalves (2019) chama de espelhos enterrados: todo um universo simbólico e cultural – os modos de vida camponês, pensamentos, afetos, memórias e conhecimento - que é sistematicamente invisibilizado, escondido e que poderia ser referência para a compreensão crítica de nossa própria identidade. Mirar tais espelhos enterrados é desconstruir os espelhos distorcidos que nos foram dados, a partir do processo da colonização, que colocam nas sombras nossas matrizes culturais indígenas e africanas.

A oportunidade, por exemplo, de ouvir de “Seu” Mateus Marcelino em um “dedo de prosa” sobre as lendas que

rondam a presença indígena na região e testemunhar como ele constrói, aos poucos, o reconhecimento identitário de, mais do que ser um descendente de indígenas, de ser ele mesmo um indígena, é de um valor inenarrável. Reencontrar espelhos enterrados, portanto, significa se colocar na busca pela descolonização da subjetividade, se abrir ao outro silenciado, recuperar a memória histórica que nos constitui enquanto sujeito. Caminho de busca pela apreensão crítica e consciente acerca de nós mesmos, nossas raízes, problemas, contradições, de saídas alternativas dos labirintos e armadilhas do nosso tempo.

De acordo com Martins (2020), a análise das singularidades da história local a partir das narrativas e memórias de pessoas simples, enriquece a compreensão dos grandes processos históricos e suas contradições. É, portanto, na expressão e memória de “Seu” Mateus que o êxodo rural em busca de melhores condições de vida, o retorno e a luta pela terra, a negação e o direito à educação, processos que marcam a formação social do Brasil, se tornam concretude histórica na pele: “É no âmbito local que a História é vivida e é onde, pois, tem sentido para o sujeito da História” (Martins, 2020, p. 117). Ainda, segundo o autor, mais do que enriquecer a compreensão da história, “se enriquece

também a consciência histórica de quem age na esperança de dar sentido ao seu destino no destino do gênero humano” (p. 117).

Bosi (2013) aborda a temática da memória como fundamental para a Psicologia Social, dando ênfase aos aspectos do cotidiano e do viver que constituem a subjetividade e enraizamento na comunidade: “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade” (p. 16). São analisadas aqui, portanto, memórias familiares, memórias do trabalho, um conjunto de histórias de mulheres e homens da roça que se colocam no caminho da construção da educação do campo. Lane (1984), ao propor o caminho para reformulação de uma Psicologia Social crítica, nos provoca a considerar a historicidade na constituição do sujeito como produto e produtor da realidade: “recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade” (p. 13). Seguindo tal provocação, neste trabalho são compartilhadas memórias que desvelam o nexos entre a vida de cada um, tecida em embaraços, sonhos, conquistas, peijas, e o nosso tempo, nossas angústias e dilemas, caminhos truncados, encruzilhadas históricas e outras possibilidades. Tecer fios de vida, singulares, cada qual com

suas cores, e costurar a trama do viver coletivo.

o que me vem mais forte à memória: a hora do recreio. Eu saía cedo de casa e quando chegava ao assentamento, eu ficava ansioso pela hora do lanche, pois naquela hora eu já estava com fome. Nos reuníamos na cozinha comunitária. Foi onde pude conhecer os outros professores, alguns alunos de outras turmas, além de dona Celma, que era responsável por preparar toda aquela comida gostosa. Comida feita pelas mãos de quem teve que lavar no próprio terreno da vida social seu lugar nessa sociedade tão injusta e desigual. Tive muito prazer da companhia de dona Celma e com tremenda gratidão por ser alimentado pela comida que ela preparava. (Nota de diário de campo, março de 2019).

Memória, para Bosi (2013), não é uma mera função cognitiva superior ou um repositório de lembranças. É uma atividade do espírito, um trabalho sobre o tempo, tempo vivido, impregnado de sentidos e significados pela cultura e pelo indivíduo. Memória não é passividade, mas sim uma forma organizadora de recontar narrativas, como um ato de criação, uma tarefa sobre si e o mundo. A memória, como o passado reconstruído, não é refúgio, é fonte, manancial de razões de lutar. De acordo com Fanon (2005), a pessoa colonizada

quando utiliza o passado, deve fazê-lo com a intenção de abrir o futuro, convidar para a ação, fundar a esperança. Mas, para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se

de corpo e alma ... colaborar muscularmente (p. 267).

A memória, construída nesta perspectiva crítica, temporalizada e historicizada, se insere, portanto, nas necessárias lutas pela descolonização e libertação (Arantes, 2020).

### **Considerações finais**

A experiência aqui sistematizada foi construída por diferentes mãos, incluindo membros do Grupo Marcus Matraga e da Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos. Todas essas mãos marcadas pelo compromisso social a partir de uma tomada de decisão e posição frente à realidade concreta, no plano das ações (Freire, 1975). Sistematizar e refletir, portanto, sobre esta experiência realizada no primeiro ano da escola e com a primeira turma, se torna para nós uma grande responsabilidade e desafio histórico: contribuir para que a educação do campo seja, de fato, consolidada a partir da realidade e das especificidades de cada comunidade camponesa. Assim, também, que a Psicologia Comunitária seja construída em uma práxis comprometida com as necessidades, demandas, sonhos e que, sobretudo, contribua no caminho de libertação junto às comunidades do campo na luta pela reforma agrária popular.

A experiência foi relatada em memória de “Seu” Mateus Marcelino, um dos educandos autores do livro *Costura da Vida*, que se dedicou e contribuiu com a realidade do território de tantas formas e com uma presença única e que “a vida o viveu” no início de 2021, enquanto produzíamos este artigo. Os sentimentos de gratidão, orgulho e tantos outros sentimentos difíceis de anotar no papel por ter feito parte desses ricos encontros marcados por tantos momentos de aprendizagem é o que realmente nos toca como homens e mulheres.

É importante ressaltar o papel que essas experiências têm na construção de uma Psicologia comprometida e justa frente à realidade e que dialogue com diferentes saberes e disciplinas. De acordo com nossa percepção, é evidente que o conhecimento advindo por parte dos educandos através da sabedoria popular, ancestral, do campo, trouxe uma maior contribuição para nós do que o contrário. Esperamos que esses encontros sejam cada vez mais frequentes e que as dinâmicas se moldem para as diferentes realidades e territórios, contribuindo na formação de profissionais atentos à realidade prática.

### **Referências**

Arantes, S. L. F. (2020). Notas sobre a Memória: Identidade e Participação na

Psicologia Social. *SCIAS. Direitos Humanos e Educação*, 3(2), 184-207. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5143>

Bock, A. M. B. (2003). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In Bock, A. M. B. (Org.). *Psicologia e o Compromisso Social* (pp. 15-28). São Paulo: Cortez.

Borges, M. G., Torales, M. A., & Guerra, T. (2011). Os estudos biográficos como contributo metodológico para o campo educativo-ambiental: reflexões a partir de uma experiência investigativa com famílias assentadas no Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 6(2), 45-60. <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol6.n2.p45-60>

Bosi, E. (2013). *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial.

Caldart, R. S. (2012). Educação do campo. In Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano, P., Frigotto, G. (Orgs.) *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 257-265). São Paulo: Expressão Popular.

Caldart, R. S. (2009). Educação do campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, 7(1), 35-64. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>

Calegare, M. G. A. (2015). Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: saberes necessários à Psicologia Social. In Lima, A. F.; Antunes, D. C., & Calegare, M. G. A. (Orgs.), *A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil* (pp. 437-457). Porto Alegre: ABRAPSO.

Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Referências Técnicas para Atuação das(os) Psicólogas(os) em Questões Relativas a Terra*. Brasília: CFP.

Costa, S. L., & Silva, C. R. C. (2015). Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 283-291. Recuperado em 18 de janeiro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200006&lng=pt&tlng=pt)

Coutinho, C. N. (2010). *O estruturalismo e a miséria da Razão*. São Paulo: Expressão Popular.

Fals-Borda, O. (1983). Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In Brandão, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante* (pp. 42-62). São Paulo: Brasiliense.

Fals-Borda, O. (1986). *Conocimiento y poder popular - lecciones con campesinos de Nicaragua, México y Colombia*. (2ª ed). Bogotá: Siglo XXI.

Fanon, F. (2005). *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: ed. UFJF.

Freire, P. (1998). *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1975). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. (49ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, M. F. Q. (2007). Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e Psicologia (Social) Comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In Campos, R. H. F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 54-80). Petrópolis, RJ: Vozes.

Freitas, M. F. Q. (2011). Construcción y consolidación de la psicología social comunitaria en Brasil: conocimientos,

práticas y perspectivas. In Montero, M., & Serrano-García, I. (Orgs.). *Historias de la psicología comunitaria en America Latina: participación y transformación* (pp. 91-113). Buenos Aires: Paidós.

Gadotti, M. (2017). *Extensão universitária: para quê?*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.

Gomes, M. A. F., & Dimenstein, M. (2014). Pesquisa Qualitativa em Psicologia e Saúde Coletiva: Experimentações com o Recurso Fotográfico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 804-820. <https://doi.org/10.1590/1982-370001422013>

Gonçalves, B. S. (2019). *Nos caminhos da dupla consciência: América Latina, Psicologia e descolonização*. São Paulo: Ed. do Autor.

Gonçalves, M. A., & Portugal, F. T. (2012). Alguns apontamentos sobre a trajetória da Psicologia social comunitária no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(SPE), 138-153. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500010>

Gonçalves, M. A., & Portugal, F. T. (2016). Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 562-571. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p562>

Landini, F. (2015). La noción de psicología rural y sus desafíos en el contexto latinoamericano. In Landini, F. (Org.). *Hacia una psicología rural latinoamericana* (pp. 21-32). Buenos Aires: CLACSO.

Lane, S. T. M. (1994). Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In Lane, S. T. M., & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em*

*movimento* (pp. 10-19). 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Leite, J. F. (2015). Movimentos sociais e ruralidades no Brasil. In Landini, F. (Org.). *Hacia una psicología rural latinoamericana* (pp. 97-102). Buenos Aires: CLACSO.

Leite, J. F., Macedo, J. P. S., Dimenstein, M., & Dantas, C. (2013). A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In Leite, J. F., & Dimenstein, M. (Orgs.) *Psicologia e contextos rurais* (pp. 27-55). Natal: EDUFRN.

Martín-Baró, I. (2009). Para uma Psicologia da Libertação. In Guzzo, R. S. L., & Lacerda Jr. F. (Orgs.). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 189-197). Campinas, SP: Alínea.

Martins, J. S. (2020). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3ª ed. São Paulo: Contexto.

Medeiros, L. S. de. (2012). Latifúndio. In Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.) *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 445-451). São Paulo: Expressão Popular.

Nascimento, V. A. S. (2019). *Contribuições da psicologia da libertação para a atuação do (a) psicólogo (a) no campo* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Netto, J. P. (2017). *O que é marxismo*. São Paulo: Brasiliense.

Oliveira, F. P., Ximenes, V. M., Coelho, J. P. L., & Silva, K. S. (2008). Psicologia Comunitária e Educação Libertadora. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 147-161.

- Oliveira, R. C. M. (2014). (Entre)linhas de uma Pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4), 69-87.
- Paludo, C. (2012). Educação popular. In Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano, P., Frigotto, G. (Orgs.) *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 280-286). São Paulo: Expressão Popular.
- Prado Jr, C. (2014). *A revolução brasileira; A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ronzani, T. M. Mendes, K. T., Oliveira, C. P., & Leite, J. F. (2019). Contextos rurais e Psicologia Comunitária: um encontro possível e necessário. In Carvalho-Freitas, M. N., Freitas, L. C. Pollo, T. C. (Orgs.). *Instituições, saúde e sociedade: contribuições da Psicologia* (pp. 59-79). Belo Horizonte: UEMG.
- Ronzani, T. M., Lefebvre, M. L., & Silveira, P. S. (2021). Community Social Psychology: Contributions to Understanding and Practices of Drug Use Care. In Andrade A. L. M., De Micheli D., Silva E.A., Lopes F. M., Pinheiro B. O., Reichert R. A. (Eds.) *Psychology of Substance Abuse* (pp. 191-203). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-62106-3\\_13](https://doi.org/10.1007/978-3-030-62106-3_13)
- Saforcada, E. (2015). Por qué y para qué una psicología rural en indoafroiberoamérica. In Landini, F. (Org.). *Hacia una psicología rural latinoamericana* (pp. 35-46). Buenos Aires: CLACSO.
- Santos, R. (2017). História da Educação do Campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. *Revista Teias*, 18(51), 210-224. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.24758>
- Semeraro, G. (2006). Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade. *Cadernos CEDES*, 26(70), 373-391. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000300006>
- Silva. M. V. (2015). Práticas em psicologia comunitária e processos de mobilização social: provocações para um debate. *Pesquisas e práticas psicossociais*, 2(10), 292-300.
- Silva, K. B., & Macedo, J. P.. (2017). Psicologia e Ruralidades no Brasil: Contribuições para o Debate. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 815-830. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002982016>
- Silva, K. B., & Macedo, J. P.. (2019). Psicologia e ruralidade: reflexões para formação em psicologia. *Estud. Interdiscip. Psicol*, 10(3), 97-120. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n3p97>
- Souza, W. J. C. (2019). *MST, a luta e a conquista da terra: a experiência educativa do Assentamento Denis Gonçalves* (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Ximenes, V. M., & Moura Jr., J. F. (2013). Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. In Leite, J. F., & Dimenstein, M. (Orgs.). *Psicologia e Contextos Rurais* (pp. 453-473). Natal: EDUFRN.

<sup>i</sup> A versão digital do livro pode ser acessada na íntegra a partir do link <https://www.ufjf.br/crepeia/files/2021/05/COSTUR-A-DA-VIDA-1.pdf>

<sup>ii</sup> Traduzido livremente por: “que surge no auge do triunfo acríptico do capitalismo, do liberalismo, do

positivismo e do tecno-cientificismo na Europa e na América do Norte.”.

iii Traduzido livremente por: “Assim, há uma tendência sutil de sobrepor o que é humano (ou seja, o que é próprio ou característico do ser humano), com o que é urbano (ou seja, o que é característico das populações urbanas), invisibilizando as especificidades rurais”

#### Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 01/04/2021  
Aprovado em: 05/05/2021  
Publicado em: 12/07/2021

Received on April 01st, 2021  
Accepted on May 04th, 2021  
Published on July, 12th, 2021

**Contribuições no Artigo:** Os autores e autoras Conrado Pável de Oliveira, Júlia Batista Afonso, Pedro Barino Rodrigues, Tháles Gonçalves Guilherme foram responsáveis pela escrita, elaboração, análise e sistematização da experiência; A autora Marli da Cruz Gonçalves Herédia foi responsável pela escrita e análise da experiência. O autor Telmo Mota Ronzani foi responsável pela escrita, elaboração e revisão do conteúdo do manuscrito. Tod(as) os(as) autores(as) foram responsáveis pela aprovação da versão final a ser publicada.

**Author Contributions:** The authors Conrado Pável de Oliveira, Júlia Batista Afonso, Pedro Barino Rodrigues, Tháles Gonçalves Guilherme were responsible for the writing, elaboration, analysis and systematization of the experience; The author Marli da Cruz Gonçalves Herédia was responsible for the writing and analysis of the experience. The author Telmo Mota Ronzani was responsible for the writing, elaboration and revision of the manuscript content. All authors were responsible for the approval of the final version to be published.

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

#### Article Peer Review

Double review.

#### Agência de Fomento

Universidade Federal de Juiz de Fora.

#### Funding

Universidade Federal de Juiz de Fora.

#### Como citar este artigo / How to cite this article

##### APA

Oliveira, C. P., Afonso, J. B., Rodrigues, P. B., Guilherme, T. G., Ronzani, T. M., & Herédia, M. C. G. (2021). *Costura da vida: encontros entre a Psicologia Social Comunitária e a Educação do Campo no Assentamento Dênis Gonçalves do MST. Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e11939. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e11939>

##### ABNT

OLIVEIRA, C. P.; AFONSO, J. B.; RODRIGUES, P. B.; GUILHERME, T. G.; RONZANI, T. M.; HERÉDIA, M. C. G. *Costura da vida: encontros entre a Psicologia Social Comunitária e a Educação do Campo no Assentamento Dênis Gonçalves do MST. Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e11939, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e11939>